

**Pauline Gaudin Indicatti**  
Doutoranda em Artes Visuais na Universidade de Estrasburgo na França, seguindo um percurso de co-tutela internacional de tese com a UFRGS, Porto Alegre no Brasil.

## Reflexões sobre a aventura da tese em artes visuais – ou a viagem de ler e escrever sobre o seu próprio trabalho

### *Réflexions sur l'aventure de la thèse en arts visuels – ou le voyage de lire et d'écrire sur son propre travail*

**Resumo:** As viagens vividas entre a França e o Brasil que realizei desde 2006 (primeira viagem em Porto Alegre) representam o ponto de partida do meu projeto de tese sobre a mobilidade e o deslocamento nas práticas artísticas contemporâneas. Como esses objetos de estudo são experimentados, presentes e apresentados na arte atual? Minha atenção se foca particularmente sobre as posturas de artistas que escolhem (ou preferem) trabalhar e criar com a ajuda das novas tecnologias de comunicação, Internet, o telefone celular, o *Smartphone*. Este artigo apresenta um exercício de redação dos avanços do meu trabalho, bem como interrogações e questionamentos característicos da minha pesquisa pessoal.

**Palavras-chave:** Movimento, deslocamento, mobilidade, *Smartphone*, práticas artísticas contemporâneas.

**Résumé:** *Les voyages vécus entre la France et le Brésil, que j'ai réalisés depuis 2006 (premier voyage à Porto Alegre) sont le point de départ de mon projet de thèse sur la mobilité et le déplacement dans les pratiques artistiques contemporaines. Comment sont-ils expérimentés, présents et présentés dans l'art actuel? Mon attention se porte plus particulièrement sur les postures d'artistes ayant fait le choix de travailler et créer à l'aide des nouvelles technologies de communication, Internet, le téléphone mobile, le Smartphone. Cet article présente un exercice de rédaction sur les avancées de mon travail, ainsi que des interrogations et questionnements caractéristiques de ma recherche personnelle.*

**Mots-clés:** *Mouvement, déplacement, mobilité, Smartphone, échange, pratiques artistiques contemporaines.*

“Da viagem experimentada aos relatos de viagem nas práticas artísticas contemporâneas, e na Web”, constitui o título inicial da minha pesquisa de doutorado. Amplo, largo, introduzindo formas restritas e frequentemente conotadas, ele foi um motivo de problematização contínua no decorrer desses meses de reflexões, e acaba sofrendo várias modificações. Eu tomo rapidamente consciência de um certo estado e de uma situação da viagem, como do relato de viagem que parecem compartimentar minha prática, minhas interrogações, minhas experimentações numa direção e dimensão outras; um aspecto que não desejo abordar nele mesmo. A viagem, presente em todas as partes, é um motor de imaginação, provocador de sensação, de percepção, de investigação, mas não constitui o trabalho em si. Ela é sua base, sua matéria prima. Então, aparece a necessidade de anunciar um subtítulo “Experiências do deslocamento: formas, traduções e apresentações artísticas do instante”, anunciando as interrogações metodológicas atuais, a postura artística, estética e crítica dessa pesquisa em processo de elaboração, de estruturação e de finalização.

As viagens realizadas desde 2006 entre a França e o Brasil, durante meus estudos na UFRGS<sup>1</sup>, representam o ponto de partida do meu projeto de tese sobre as *experiências do deslocamento nas práticas artísticas contemporâneas*, esta oportunidade onde/quando o artista contemporâneo se confronta à experiência da mobilidade, ou quando ele a provoca e/ou a procura. Este percurso de tese se traduz por experimentações plásticas realizadas com a ajuda de meios e ferramentas selecionados e adotados como *acompanhadores* durante os caminhos atravessados, as rotas percorridas, que são o computador e o *Smartphone* (gravador, captador do “tempo real<sup>2</sup>”); e introduzem a existência da tela, da imagem, da interface, do *software*, do aplicativo numérico. Esta prática é heterogênea, e fortemente marcada pelo espaço e pelo tempo praticados, pelos fragmentos co-

[1] A criação que Paul Valéry se refere nesta aula está ligada ao campo literário do qual tem a prática: [...] durante o trabalho, o espírito vai e volta, incessantemente do Mesmo para o Outro; e modifica o que é produzido por seu ser mais interior, através da sensação particular do julgamento de terceiros. (VALÉRY, 1991, p.183)

[1] Realizei o último ano de graduação, e dois anos de mestrado na UFRGS.

[2] Noção emprestada do Paul Virilio.

[3] Expressão francesa “que significa na retrospectiva”.

letados, e pelas situações e relações vividas no campo, como também refletidas, pensadas, decifradas na volta de cada deslocamento, “*après-coup*”<sup>3</sup>. De fato, minha abordagem do deslocamento oscila entre instantes em movimento, em trânsito, a bordo dos meios de transportes, à “toda velocidade”: os traços brutos das imagens, tremidas, elementos indistintos desses espaços-tempos confundidos atestam portanto essa mobilidade; e entre instantes de uma certa condição de estar parada, provoca a execução de um trabalho fixo, mais preciso, minucioso, da ordem da esfera do íntimo (**Figura 1 e 2**).

O termo de deslocamento me interroga, me interpela, me perturba. Trata-se realmente de deslocamento? Pela escolha própria de não empregar o termo viagem, que também me incomoda, eu o substituo pelo de deslocamento, porque existe movimento. O movimento, de acordo com o dicionário Petit Robert da língua francesa, significa “mudança de posição, uma maneira de mover o corpo, uma variação de qualidade.” A imagem e o pensamento se desenvolvem e se constroem em movimento, ele também ocasiona segundo eu, através da minha prática, uma variação de qualidade provocando uma mudança de percepção. A imagem não representa, ela é movimento. Mover-se, é também ser movido, a importância da emoção: com o contato do outro, do diferente, do encontro, do acidente, da surpresa; uma outra sensibilidade, um outro olhar se desdobra e se revela.

Deslocar-se também é atravessar, “passar de um lado para outro”. “Passar”, ir de um lugar para outro, atravessar o espaço que constitui um intervalo, atravessar um lugar. “Mostrar, é ser um passador” diz Raymond Depardon (VIRILIO, DEPARDON, 2009, p.14). Este termo de deslocamento que eu utilizo não seria então da ordem da passagem, de uma criação entre um lugar e um outro, um tempo e um outro, um aspecto e um outro, um médium e ou um outro? Transportar, transpor, traduzir? Onde e quando acontece, se situa esse intervalo<sup>4</sup>?

[4] Em francês “entre-deux”.



Figura 1.  
Fonte: foto da autora.

### **ONDE ESTÁ A VIAGEM?**

Eu viajo sozinha, a maior parte do tempo. Por hábito e/ou por obrigação. Alguns roteiros de viagens de contingência:

→ {Genebra – Nantes} {Nantes – Segré} {Segré – Rennes}

→ {Rennes – Segré} {Segré – Nantes} {Nantes – Genebra}

*Genebra: onde vivo*

*Nantes: onde aterrisso*

*Segré: lugar de estadia e trânsito*

*Rennes: Universidade<sup>5</sup>*

→ {Genebra – Paris/Londres} {Paris/Londres – Rio de Janeiro/São Paulo} {Rio de Janeiro/São Paulo – Porto Alegre}

→ {Porto Alegre – Rio de Janeiro/São Paulo} {Rio de Janeiro/São Paulo – Paris/Londres} {Paris/Londres – Genebra}

*Paris/Londres/Rio de Janeiro/São Paulo: onde eu transito*

*Porto Alegre: Universidade<sup>6</sup>*

→ {Genebra– Basel} {Basel – Estrasburgo}

→ {Estrasburgo – Basel} {Basel – Genebra}

*Basel: onde eu transito*

*Estrasburgo: Universidade<sup>7</sup>*

Quando viajo acompanhada, realizo projetos impregnados de uma solidão voluntária, uma introspecção escolhida, uma esfera do íntimo procurada, praticada e depois de um tempo compartilhada. A postura de experimentação em trânsito, atrás da janela do ônibus,

[5] Meu curso universitário em Rennes 2 acabou quando houve a transferência da pesquisa para a Universidade de Estrasburgo em Novembro de 2013.

[6] Um acordo de co-tutelle internacional de tese entre Rennes 2 e a UFRGS de Porto Alegre foi assinado desde o primeiro ano de doutorado, reconduzida entre a Universidade de Estrasburgo e a UFRGS.

[7] Estou matriculada no Doutorado em Artes Visuais, no Programa EA 3402 «Approches contemporaines de la création et de la réflexion artistiques», desde outubro de 2013.

da janela do carro é um bom exemplo. Esta parede transparente representa diretamente este espaço entre o dentro e o fora, o espaço aberto e o espaço fechado (**Figura 3**).

O desejo não é de excluir as pessoas conhecidas ou desconhecidas encontradas durante as viagens; elas são um motor na elaboração e na reflexão da divulgação e da apresentação da forma final de um projeto dado. Elas possuem particularmente um papel importante na experiência do encontro, da conversa, quando são convidadas em participar de trocas ou interações específicas. Eu experimento a *Internet*, o *Iphone*, as redes sociais, os aplicativos como tantos procedimentos provocadores de um outro tipo de “viagem”, um espaço habitável e habitado em movimento perpétuo, todo um campo a desvendar, a explorar, a praticar para o artista contemporâneo. A troca com o *espectador-internauta* também representa uma forma de interação singular, uma situação que atrai minha atenção (**Figuras 4/5/6**).

A imagem somente se torna possível a partir da esfera de intimidade na qual ela é realizada. O íntimo então figura como valor de resistência ao espaço aberto mostrado e projetado, uma “*mise à distance*”<sup>8</sup>, uma postura de retiro, provocando de novo uma tensão, uma dualidade. Um vaivém constante entre diferentes olhares, conceitos, situações espaçotemporais, questionamentos sobre os dispositivos engajados. A imagem fixa e a imagem móvel, a imagem digital e a gravura impressa, o espaço em trânsito e o espaço do ateliê, a postura solitária num espaço relativamente fechado (o do ônibus, o espaço do chão da minha casa) e o espaço globalizado da rede Internet bem como suas infinitas conexões e ramificações. Mais uma vez, as passagens e travessias colocam em questão o intervalo, ou “*entre-deux*”; tratando-se de práticas híbridas.

*Aqui de novo* (2006)<sup>9</sup>, vídeo realizado pelo artista multimídia Lucas Bambozzi é muito interessante no sentido de que apresenta ele-

[8] Expressão em francês, “colocação à distância” em português.

[9] Disponível em: <<http://goo.gl/9H9stW>>. Acesso em: 10 setembro 2014.

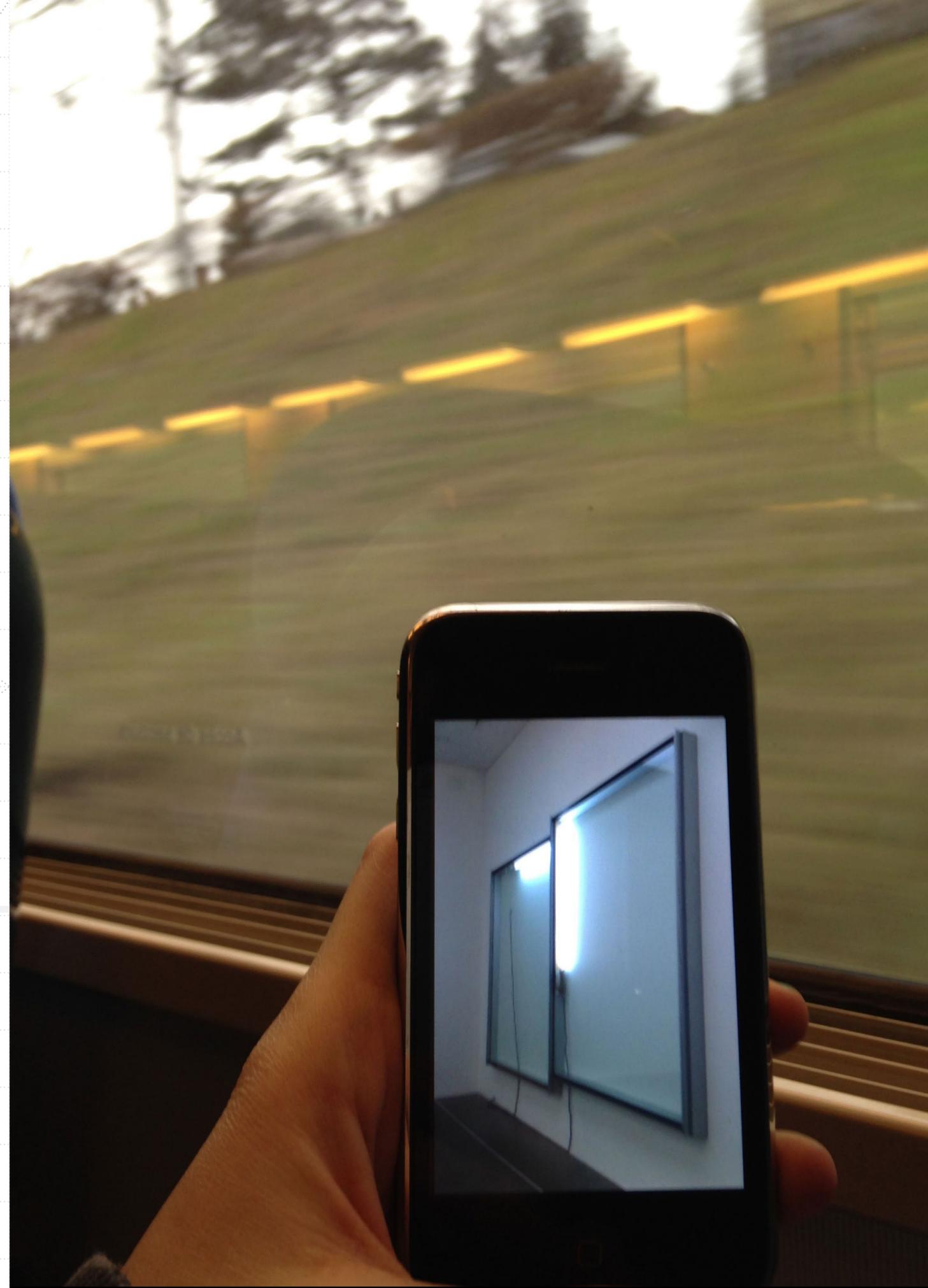
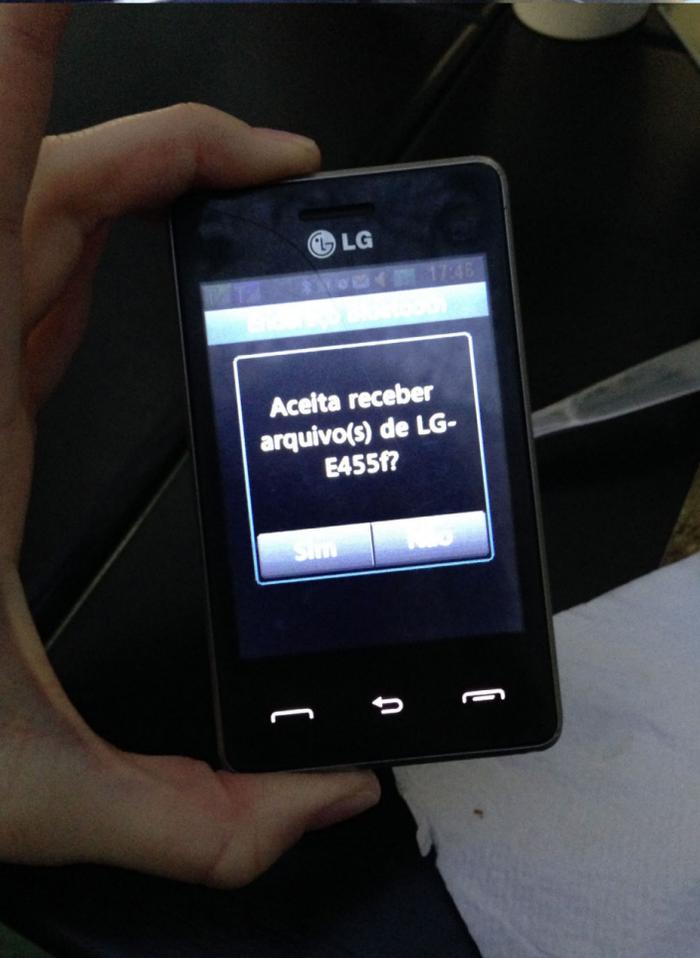


Figura 3.  
Fonte: foto da autora.



mentos e objetos como o outro, a janela, o íntimo que Bambozzi chama de “intimidade mediada”. Noção extremamente importante nas práticas que envolvem as novas tecnologias; interrogando também tensões atuais na arte contemporânea, o que ele define como “defasagem”, entre o que desejamos realizar e o que se faz realmente, “o que se diz e o que se quer dizer”, o relacionamento fundamental entre os espaços públicos e os desejos da ordem do íntimo. Através da exploração crítica dos novos formatos de mídias, como também uma prática artística sobre os suportes da imagem em movimento, Lucas Bambozzi desenvolve estudos e trabalhos artísticos questionando a expressão e a divulgação da linguagem audiovisual, em particular os meios eletrônicos e suas repercussões na arte contemporânea em nosso mundo atual (Figura 7).

#### O GESTO E O APARELHO

As novas ferramentas e as novas mídias fazem aparecer novos modos operatórios, outras “maneiras de fazer”, novos gestos. “*Petite Poucette*”, novo humano batizado pelo Michel Serres pela sua capacidade de enviar SMS com o polegar. Trata-se do aluno e da estudante de hoje, que vivem em um tsunami de mudanças, tudo se move na volta deles. Ele mesmo diz: “Nós conhecemos atualmente um período de imensa reviravolta, comparável ao fim do Império romano ou do Renascimento.”

O gesto, é “um movimento do corpo breve e simples”. Ele é uma manifestação sensível cujo o corpo é o veículo, *interface* do homem com o mundo, responde a uma necessidade do indivíduo, bem como é trajetória de um movimento. Quando o artista Thomas Hirschhorn escolhe apresentar o gesto que realiza a mão, mostrando assim imagens de vítimas de conflitos planetários, o ato não é um acaso. Ao mesmo tempo que se rende à ação do “*espectactor*” (WEISSBERG, 2006) desse instante, operando uma fusão entre o olhar e a mão; ele propõe adicionar a esse gesto os aumentos realizados pela própria

[10] Retomando a expressão de Michel de Certeau, “maneiras de fazer”.

[11] SERRES, Michel. *Petite Poucette, la génération mutante*. Libération, 3 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://go.gl/3L7CcU>> Acesso em: 10 de agosto de 2014.



Figura 7.  
Fonte: autora.

mão, gesto que pela forma e funcionalidade, se torna uma verdadeira marca do processo de evolução do homem frente ao progresso técnico e tecnológico. A chegada de novos instrumentos ou aparelhos, como Internet ou os telefones celulares (chamados telefones móveis em francês e em inglês) é acompanhada por perturbações no ecossistema dos gestos, sua apreensão, suas práticas nas obras artísticas atuais. O telefone celular (móvel), representa “uma etapa nova em direção à civilização da mobilidade e implica uma revolução na geografia dos deslocamentos. Possuindo um celular, o indivíduo é susceptível caminhar num TGV ligando para as antípodas, isto é, presenciar três velocidades em simultâneo” (OLLIVRO, 2006, p.159).

Notas<sup>12</sup> escritas em trânsito:

“O calor da mão...

Acessório de rota, acompanhador, principal interessado e utilizado, muito mais solicitado do que as outras ferramentas, e as vezes tão maltratado durante os trajetos, as estações, os fusos horários! Tudo se expande, o calor se propaga e queima praticamente; quando Internet está funcionando, eu anoto, e num instante eu saio das anotações para “pegar” a câmera com objetivo disparar o dispositivo fotográfico.

Às vezes, eu comunico com o modo “telefone” (não tão usual) ou em conversação instantânea, lendo ou relendo as imagens, ou “*checkando*”<sup>12</sup> os e-mails.

Ele esquenta as minhas mãos, dum calor tão intenso, que se aparenta à sensação de ter uma xícara de chá ou de chocolate quente, quanto tenho vontade de esquentar as mãos durante o inverno.

Tenho que admitir, ele virou um companheiro de viagem, à maneira da companhia do preceptor, do interprete de antigamente, ou do guia turístico de hoje. Ele abarca tudo no alcance de interfaces, conexões digitais e cálculos matemáticos. A tradução, a conversão, a história, a experiência política, econômica, cultural e gastronômica... Ele também representa um companheiro íntimo e testemunha de cada instante, dos bons como dos momentos desagradáveis. Um aparelho tecnológico que eu mimo, ele é minha pena, meu carvão, minha aquarela, e frequentemente remedia à insuficiência da minha memória interna.”

Os gestos, as mobilidades tornam-se outras, provocam interrogações e questionamentos sobre nosso próprio relacionamento com

[12] Notas escritas diretamente no Smartphone durante um percurso de carro de Genebra até Grenoble, dia 15 de setembro de 2014.  
[13] Verbo do inglês, *to check*, que significa verificar, frequentemente usado no vocabulário da vida cotidiana, também empregado para realizar o *check-in* no aeroporto, na hora de embarcar.

essas ferramentas, nosso próprio uso delas, a importância delas na construção e no aparecimento de uma nova percepção dizem respeito à tecnologia, à relação com o objeto, à relação com o indivíduo. Esta nova percepção é um meio, um vetor, uma passagem pela qual se traduz uma experiência artística singular, como uma forma de apresentação e de divulgação desta mesma.

A escolha de mostrar instantes furtivos, captados a bordo dos meios de transportes, permite questionar e abordar este elemento transparente, esta parede de vidro que me separa do exterior: a janela. O quadro do quadro da imagem. Um corte, um recorte, uma figuração de um certo olhar. O quadro, o controle, é aquilo que não é mostrado, aquilo que é escondido, subentendido, apresentado de maneira diferente, fora das bordas, dos limites. O que me controla quando eu enquadro? O que acontece fora desse quadro do olhar? O que passou, o que foi sentido, percebido, praticado?

#### **O MOMENTO DA ARTICULAÇÃO**

É a partir deste momento que o trabalho de redação da tese torna possível essa articulação, essa confrontação direta entre o vivido e o percebido, uma contaminação do trabalho artístico, do trabalho de enunciação, do relato, da narração e do trabalho teórico e crítico. Através desse elemento físico e material que me separa do fora, aparece também uma noção que exprimo e desejo desenvolver, a “*gêne visuelle*”, ou *incômodo visual*. Após leitura e releitura do meu trabalho, das imagens produzidas e coletadas, acidentais ou provocadas, eu tomo consciência da procura do acidente visual: um traço, uma sujeira, uma gota de chuva, de tinta, um risco, um véu, uma deformação que provocam um deslocamento do olhar, uma outra maneira de perceber e sentir através desse filtro; figura de separação entre o sujeito e o objeto do olhar, o sujeito e o mundo exterior.

De onde surge a seguinte problemática: o trabalho de pesquisa e experimentos não se trataria de uma prática de gestos cotidianos, de uma atenção particular em alguns fatos e eventos singulares, numa outra escala geográfica e temporal do que a escala de espaços rotineiros, do sedentário? “Borrando as pistas”, porque questionando a situação da mobilidade hoje, um dado essencialmente social, econômico, político, uma postura turística.

Minha prática se inscreve em uma mobilidade que se quer artística, crítica e compartilhada, traduzida sob a forma de diferentes relatos: a imagem, o objeto, a troca na Web, com o outro, o indivíduo, o internauta. Uma maneira outra de inserir-se na circulação das obras artísticas, traduzir de outro modo uma diferença, um instante vivido, um evento sentido, um relacionamento nutrido e acautelado. Valéry Grancher exprime a abordagem da prática artística dele segundo essas palavras:

“Essas translações (de uma mídia a outra) e esses deslocamentos (de um mundo a um outro) não podem alimentar uma forma plástica homogênea. A coerência acontecerá através da heterogeneidade das formas geradas e sua coesão será provocada pelo deslocamento de práticas fora os campos usuais.

- Fazer arte fora do mundo da arte
- Aplicar metodologias científicas fora das ciências e com fins artísticos<sup>14</sup>.”

Pensando melhor, meu trabalho artístico, se situa “*entre-deux*”, no intervalo, fixo ou móvel, fora ou dentro, bruto ou mais sofisticado, não seria uma investigação da arte sobre a arte, pela arte, fora do mundo da arte e dos seus instrumentos e formatos tradicionais, ao mesmo tempo usando técnicas e novas tecnologias, fora deste mundo tecnológico tão característico?

[14] Tradução da autora. Arquivo do blog do artista, publicado dia 12 de abril de 2010. Site do artista: <http://ny-alesund-poleo.blogspot.ch/>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAMBOZZI, Lucas. Disponível em: <<http://www.lucasbambozzi.net/videos-single-channel-videos/aqui-de-nov>>. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

CERTEAU, Michel de. **L'invention du quotidien. 1. Arts de faire**. Paris: Gallimard, 1990.

GRANCHER, Valéry. Disponível em: <<http://ny-alesund-poleo.blogspot.ch/>>. Acesso em: 10 de novembro de 2013.

HUGON, Stéphane. **Circumnavigations: L'imaginaire du voyage dans l'expérience Internet**. Paris: CNRS Editions, 2010.

LE PETIT ROBERT, édition des 60 ans, Dictionnaires Le Robert, 2012.

OLLIVRO, Jean. **Quand la vitesse change le monde**. Rennes: Editions Apogée, 2006.

SERRES, Michel. Petite Poucette, la génération mutante. **Libération**. 3 de setembro de 2011. Disponível em: <[http://www.liberation.fr/culture/2011/09/03/petite-poucette-la-generation-mutante\\_758710](http://www.liberation.fr/culture/2011/09/03/petite-poucette-la-generation-mutante_758710)>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.

VIRILIO, Paul. **La pensée exposée**. Arles: Actes Sud/Paris: Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2012.

VIRILIO, Paul, DEPARDON, Raymond, SCOFIDIO+RENFRO, HANSEN, Mark, KURGAN, Laura, RUBIN, Ben. **Terre Natale, Ailleurs commence ici**. Arles: Actes Sud/Paris, Fondation Cartier pour l'art contemporain, 2009.

WEISSBERG, Jean Louis. **L'image actée**. Paris: L'Harmattan, 2006.

## ILUSTRAÇÕES

**Figura 1:** Do Smartphone: Imagem/Acidente, Rio de Janeiro, 2014. Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 2:** Do Smartphone: Outro olhar, atrás da janela, Genebra, 2013. Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 3:** Do Smartphone: Londres, Tate Modern (2013), sobre De trem (2014). Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 4:** Encontro-trocas de imagens pelo uso do Bluetooth, com as artistas Alice Monsell, Duda Gonçalves, Márcia Souza, e Raquel Ferreira, maio de 2014 em Pelotas. Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 5:** Detalhe da tela do celular quando aparece a mensagem de pedido de trocas. Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 6:** Os objetos tecnológicos, criadores de um outro tipo de relacionamentos? Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 7:** Aqui de novo (2006), Lucas Bambozzi. Fonte: imagem capturada do site do artista.